

# Introdução à CHOROGRAPHIA

## de Gaspar Barreiros

LUIS FILIPE BARRETO

*«Acaso os humanistas limitaram-se, e tal já seria uma contribuição inegavelmente insigne, a traduzir textos antigos? Se pensamos no sentido que tinha então LER e COMENTAR, a introdução de tais «leituras» e «comentários» deve por si só fazer-nos reflectir sobre a sua incidência profunda... é insustentável não apenas a oposição, mas mesmo a mera distinção entre «humanistas» e «científicos» ou «filósofos».*

ENGENIO GARIN

A viagem, o desejo e o prazer pelo contacto com diferentes espaços humanos e físicos é uma das características essenciais da *Civilização Renascentista*. A sede do viajar invade a totalidade das culturas da *Cultura Renascentista* segundo formas e interesses bem diferenciados tanto no espaço para onde se viaja como na constituição daquilo que o viajante vê e ordena como interesse de viagem.

O intelectual humanista é, acima de tudo, um viajante pelo conhecido. Este tipo de

viagem constitui-se em discurso de reconhecimento, em acentuação tanto da dimensão espacial como temporal, em combinação quer da paisagem objectiva do real quer das avenidas ideais do papel que à mesma se referem, gerando por isso, uma carga de presença do sujeito viajante em paralela de atenção com o objecto viajado. A viagem é, no Renascimento, um elemento de unidade e diálogo entre as diversas culturas epocais mas é também, ao mesmo tempo, um local de divisão e diferenciação onde se acentuam opostas

modalidades de atento deslocamento humano, de diferencial horizonte de cultura e imagem do mundo.

A Itália é, na cultura do Renascimento, e sobretudo na cultura humanista, o espaço por excelência da viagem reconhecimento. A viagem a Itália nos séculos XV e XVI é para o intelectual europeu muito mais do que uma deslocação objectiva a um espaço diferente. O espaço diferente é mesmo o elemento menor porque, trata-se, antes de mais, duma peregrinação a um lugar civilizacional chave, dum encontro e unidade não propriamente com uma diferença mas sim com o centro e o núcleo duma identidade, uma (re)visitação às origens onde vivem ainda as formas mais profundas de todo um ser e pensar europeu.

A Itália é, para o Renascimento, um espaço sagrado de inteligência e para o humanista uma espécie de purificação espiritual, um regresso ao berço que possibilita uma transcendência intelectual. O poder de sedução da península romana atrai na época os grandes espíritos europeus como *Nicolau de Cusa*, *Alberto Durer*, *Montaigne*...

Gaspar Barreiros (1505?-1560) é um dos muitos intelectuais humanistas do Renascimento que viveu essa viagem ao berço figurando-a em toda uma unidade discursiva, a *Chorographia*, editada em 1569. O erudito sobrinho de João de Barros, cónego de Viseu a partir de 1528 e homem da casa do Infante D. Henrique em Évora ao longo da década de trinta do século XVI, é uma das mais ricas e menos conhecidas figuras culturais portuguesas. Tendo estudado em Salamanca entre os anos de 1528 e 1531, *Gaspar Barreiros* aprofundou aí certamente a formação humanista que transpira em toda e cada uma das partes da sua obra. Formação humanista em estreita relação com uma profunda afirmação cristã são razões de peso para a sua afinidade com D. Henrique «e foi graças à protecção de D. Henrique que em 1546, o cónego visense foi enviado a Roma para ali agradecer ao papa Paulo III a púrpura cardinalícia de que o Infante fora investido» (1).

Gaspar Barreiros é um dos humanistas portugueses com mais profunda e inovadora presença no campo do saber renascentista. As suas obras geográficas formam um dos

lugares mais rigorosos e criativos da ciência geográfica do século XVI.

O *humanismo* essa «contra-cultura laica e centrada nos valores e nos conhecimentos adequados a uma sociedade civil» (2), mantém complexas (e muitas vezes contraditórias) relações com a teoria e a prática do saber renascentista. As perspectivas historiográficas tradicionais (principalmente a nível divulgativo) tendem a criar um fosso e mesmo absoluta oposição entre humanismo e ciência mas «esta impressão não resiste a um exame rigoroso» (3).

O aprofundamento do conhecimento documental dos discursos humanistas, a rigorização da consciência histórica com a descoberta de que cada clima epocal tem a sua própria arquitectura e economia do saber («não pode haver saber fora duma situação cognitiva» J. Schlanger) que é necessário respeitar na sua individualidade e perfeição, isto é, no horizonte/limite do possível e impossível, para se poder verdadeiramente interpretar e compreender levou a uma nova perspectiva historiográfica. Novos estudos objectivos quer sobre o sentido e o valor da cientificidade renascentista (com a descoberta e respeito pela semântica e arquitectura da *ciência* da época) quer sobre a presença na mesma dos intelectuais e fundamentos humanistas (com especial atenção à função tanto informativa quanto formativa do *método* filológico-histórico) levam à compreensão de que «o humanismo ofereceu muito à ciência» (4).

As eruditas investigações de A. Buck, E. Garin, R. Klein, P. Rossi, J. Vernet e tantos outros vieram confirmar as perspectivas de W. Dilthey e E. Cassirer. Não podemos, neste breve estudo, aprofundar esta questão historiográfica nuclear (tanto a nível metodológico como documental). Contudo, o rigoroso conhecimento da massa documental da Cultura Portuguesa do século XVI mostra-nos, muito claramente, a força e o limite da Cultura Humanista na racionalidade científica do Renascimento.

A Cultura Humanista Portuguesa é cientificamente activa ao longo de grande parte do Renascimento sendo mesmo, em certos territórios e momentos, a via e vanguarda por excelência da cientificidade (casos por exem-

plo da *Gramática, História, Pedagogia, Geografia, Medicina*). A Cultura Humanista com os seus fundamentos crítico-sincréticos e a sua metodologia filológico-histórica afirma-se como um movimento revolucionário em busca dum novo sentido de vida e de mundo quer como acontecimento quer como conhecimento. Este projecto cultural do humanismo com diferentes graus de radicalidade e compromisso porque «o humanismo é um fenómeno complexo, multimodo» (F. Gama Caeiro) vai gerar, enquanto cientificidade, um paradoxo de via e obstáculo, de capacidade para mas também de impotência de. Capacidade para transceder os limites e quadros da herança medieval, mas impotência estrutural para frente à Antiguidade Clássica, ultrapassar a mera crítica pontual. O martelo crítico da cientificidade humanista é, a este nível, limitado e orientado e essa limitação torna-se cada vez mais objectivamente patente e saliente ao longo da segunda metade do século XVI<sup>(5)</sup>.

Em termos gerais o problema relacional *cultural humanista/razão científica* no quadro do saber renascentista pode ser enunciado da seguinte forma: «que existiu uma relação estreita entre o humanismo e a ciência está provado pelo facto de a Itália, nos séculos XV e XVI, haver sido nestes dois domínios da cultura a escola da Europa... assim somos conduzidos a conclusões gradativas: o humanismo e a ciência não se afastaram sempre um do outro, em certos domínios o humanismo foi cientificamente activo, noutros não»<sup>(6)</sup>.

O Objectivo fundamental deste nosso estudo é marcar, duma forma introdutória, alguns dos conceitos e categorias chave do pensamento científico expresso na Geografia Humanista de Gaspar Barreiros. A *Chorographia* é uma obra não investigada e relativamente esquecida<sup>(7)</sup> e, no entanto, a sua riqueza problemática é notável pois exprime paradigmaticamente alguns dos horizontes do conhecimento renascentista.

## 1 A Escrita de Viagem

Gaspar Barreiros executa ao longo da *Chorographia* um exercício de explicitação

da sua escrita acompanhado por uma meditação genérica sobre o sentido da viagem quer a sua pequena e particular deslocação a Itália quer a grande viagem do Renascimento, a viagem das viagens alcançadas nos *Descobrimientos Portugueses*. Esta dupla meditação, em oposição complementar, sobre as palavras e as coisas que fazem o *discurso da viagem* permite ao nosso renascentista uma clara e profunda formulação, embora sob a forma sintética e dispersa, dos caminhos que permitem e devem presidir à sua escrita de viagem.

A obra de G. Barreiros é escrita de viagem, antes de mais porque se realiza durante um caminhar de Portugal a Itália, concretizando-se num preencher de palavras o tempo «em que despêdi o do caminho»<sup>(8)</sup>. Mas a escrita de viagem não se reduz a este vitalismo originário, ela é, sobretudo, «conteúdo» do discurso, preenchimento do assunto através dum corpo de sequências descritivas de Badajoz a Milão.

A escrita de viagem de Gaspar Barreiros é um discurso do e no caminho. Viagem que não é de descoberta mas sim de visitação, passagem por lugares do já visto e conhecido e, contudo, as margens de segredo que se guardam neste andar por caminhos habituais, as possibilidades de descobrir e redescobrir numa viagem que não é descobrimento, são imensas. O alcançar destas margens e possibilidades é a razão que liberta a escrita, a intenção que promove a existência da *Chorographia*.

O núcleo epistémico que origina este discurso de Gaspar Barreiros assenta no princípio de que caminhante e caminho, viajante e viagem fazem-se mutuamente segundo diferentes jogos e níveis de conhecido e desconhecido: «posto q̄ de muitas pessoas seja cada dia tam trilhado como vemos, porque parece nam aver n'elle cousas tam occultas que a continuçam & numero dos caminhan-tes, nam tevesse ia descubertas, cõtudo, muitas â, cuja sciencia nam alcançam todos os que por elle caminham»<sup>(9)</sup>.

Os meios de conhecimento que permitem ao nosso humanista descobrir o desconhecido que povoa o já conhecido serão abordados mais à frente, o que aqui e agora interessa salientar é que existe em Gaspar Bar-

reiros o postulado de que o caminho é um desdobrar-se na viagem e viajante que mutuamente se fazem. As paisagens objectivas que preenchem o real da viagem entre Badajoz e Milão não são neutros empíricos ao dispor de todos os olhos segundo um igual olhar. A viagem é também, mesmo fundamentalmente, o saber e sentido do viajante, a sua capacidade de aprisionar o essencial, de descobrir e inventar toda uma lógica e arquitectura humanas que são causa e fundamento do imediato visível que preenche o universo textual.

O viajar humanista de Gaspar Barreiros não é uma neutralidade empírica, a sua escrita de viagem está bem longe do império e imperialismo dos sentidos. As suas descrições não são uma anotação do imediato visível, um tirar pelo natural como dizem os renascentistas para significar a pintura ou escrita que se agarra ao ser mesmo das coisas no seu dado e concreto. O mesmo caminho guarda mil e um caminhos conforme o saber ver do caminhante. A mesma viagem empírica pelos mesmos lugares reais guarda múltiplas variantes dependentes sempre do ser ideal do viajante, da sua capacidade de ler e ver os sinais que a realidade esconde e mostra ao mesmo tempo.

A escrita de viagem é o companheiro de estrada de G. Barreiros, as palavras do seu discurso formam o diálogo, a comunicação consigo mesmo, mas, acima de tudo, com o mundo. Esse diálogo/comunicação homem/mundo impede a solidão do viajante, o desgosto pela partida e a tenção pela não chegada: «diminui o do cominho, soprindo cõ esta occupaçam, á falta que algũas vezes tinha de companhia, que a um cansado caminhante serve nos longos caminhos de carreta, como diz bem hum proverbio antigo» (10).

A escrita de viagem é, pois, um diálogo plural que nascendo como pergunta e resposta do viajar se afirma como travessia do próprio sujeito discursivo e de todo o seu mundo cultural, de todo o seu universo familiar que é chamado à condição de viajante como suporte e investimento para toda uma outra viagem, para uma melhor e mais profunda passagem pelo espaço objectivo que vê o real em toda uma outra dimensão: «aprehē-

di algũas letras, que me ajudãram a fazer estas observaões» (11).

A escrita de viagem de Gaspar Barreiros torna-se um jogo entre as palavras e as coisas, uma tensão complementar entre o visível e o lisível, de tal modo intensa que o observar das coisas concretas torna-se também, porque exige no espírito do viajante, um consultar das avenidas da escrita, um desfilar por entre os labirintos da palavra: «a tençam do author na descripçam d'estes lugares, nam era mais que screver somente o que se podesse saber acerca da sua fundaçam, por scriptura dos geografos antigos & modernos, & d'alguns scriptores d'outras facultades. Mas porq̄ ia se occupava n'isto quis tambem acrescentar algũas cousas que via envoltas na mixtura das informações que tomava» (12).

A carga erudita que transpira em todo e qualquer lugar do discurso de Gaspar Barreiros é uma certeza indiscutível. Pode-se mesmo falar dum excesso, dum espectáculo de erudição quando se compara esta viagem do nosso quinhentista com outras viagens humanistas a Itália, por exemplo a de Montaigne em 1580-1581 que ficou inédita até 1774 (13).

Estamos no entanto bem longe dum asfiamento das coisas frente às palavras, dum empobrecimento das descritivas concretas devido às avenidas do papel. Existe no todo da *Chorographia* um sábio, embora instável, equilíbrio entre o ver e o ler, um enriquecimento do saber ver através das leituras bem como uma correcção destas últimas, um saber ler nascido do olhar objectivo.

O peso situado e medido da erudição faz do discurso de Gaspar Barreiros uma aposta aberta no descobrir do desconhecido que sempre envolve todo o conhecido. A sua escrita de viagem não é redutível a um mero exercício de pedantismo factológico e documental (14). A carga erudita que envolve toda e cada uma das descritivas existe como instrumento de aprofundamento observacional, como guia para um viajante e viagem mais atentos e conhecedores.

O controle correlativo erudição/observação faz com que a escrita de viagem da *Chorographia* vise alcançar um largo espaço de leitores, uma área de leitura que não se ex-

tingue no eruditismo mas que envolve todo o público de curiosos do Renascimento, isto é, de homens com alguns conhecimentos mas não propriamente quadros intelectuais. Esta intenção do autor leva-o a certas construções discursivas que passam pelo escrever em língua portuguesa e não em latim (a língua por excelência da Filosofia, Ciência e mesmo da alguma Técnica do Renascimento) bem como, por alguns cuidados de tratamento problemático que visam iniciar o tipo de leitores que o autor deseja: «e porque esta nossa chorographia é scripta em lingua que todos os que sabem ler, por ventura quereram ler, & alguũs nam teram tanta noticia d'estas cousas, nos parece necessario pera melhor entendimento d'ellas, fazer algũas declarações, as quaes posto que diante dos doctos possam ter nome de escusadas, perdeloãm diante dos que carecem de sua doutrina» (15).

A preocupação pelo destinatário é também o reclamar duma certa utilidade humana e social do conhecimento. O saber, toda e qualquer ocupação intelectual, deve exigir a si mesmo um princípio de validade, deve assentar na investigação de «cousas mui utiles & necessarias a nos» (G. Barreiros). Todo o conhecimento que alcança a necessidade e utilidades humanas é em si mesmo válido por maiores que sejam as suas limitações e esta certeza renascentista aponta de novo para um diálogo ideal entre o mundo e a palavra. A concretização desse projecto dialogal é exactamente o elemento que leva ao escrever numa certa língua e duma certa maneira.

### 1.1 O Diálogo G. Barreiros/João de Barros

O desejo de diálogo do seu discurso com o mundo e a vida não se reduz ao problema do destinatário sendo também origem da própria obra. Entre as razões que levam ao aparecimento da *Chorographia*, G. Barreiros salienta o pedido do seu tio João de Barros. Assim o discurso da viagem surge como um contributo informativo do sobrinho ao tio, como uma troca de correspondência de objectos e objectivos intelectuais entre estes dois humanistas portugueses: «outra causa tive para me occupar n'estas investigações, pedir-me meu tio Ioam de Barros que lhe scre-

vesse muito particularmente, todos os lugares d'este meu caminho, com tudo o que acerca de suas fundações, nomes antigos, & mudança d'elles podesse saber, por quanto sperava de se aproveitar da minha informaçam na sua Geografia, que muitos annos ã tẽ comeca da de todo o universo» (16).

Estamos impossibilitados, documentalmente, de avaliar o peso da *Chorographia* na *Geografia Universal* de J. Barros que não sabemos mesmo se alguma vez tomou uma forma manuscrita acabada e sistemática, embora esta informação de Gaspar Barreiros, na década de 50, deixe transparecer a existência dum vasto material e dum esforço intelectual de muitos anos. Assim o diálogo a este nível reduz-se ao pedido de J. Barros atrás citado.

A *Chorographia* é, porém, um diálogo Gaspar Barreiros/João de Barros e porque se trata dum diálogo/encontro não se extingue nesta voz e contributo do primeiro para o segundo afirmando-se também, por vezes, como presença de J. Barros na própria ordem do discurso de G. Barreiros.

O João de Barros que mais decisivamente pesa na *Chorographia* de Gaspar Barreiros é o das *Decadas da Asia*, em especial da primeira, editada em 1552 e acabada de escrever ao longo da segunda metade de quarenta (17). Podemos seriar os momentos de maior contacto entre a *Chorographia* e a *Década Primeira* em cinco pontos chave, sendo qualquer um deles tópicos fundamentais na ordem do discurso de Gaspar Barreiros.

O primeiro desses pontos afirma a absoluta correlação, tanto a nível gnosiológico como ontológico, da *Geografia* com a *História*. Ambas são «sciencias» (G. Barreiros) diferenciadas tanto para João de Barros como para Gaspar Barreiros mas ambas são também ciências irmãs que em diálogo contribuem decisivamente para uma mais profunda compreensão das realidades humanas.

O princípio epistemológico das fronteiras dialogais espaço/tempo faz com que qualquer acontecimento humano seja julgado por ambos os humanistas no quadro da espacialidade natural e social que o produz, acolhe e até certo ponto explica. Por isso Gaspar Barreiros afirma «d'esta sciência da Geografia... se viermos á lição das histórias, tâbẽ

acharemos q̄ mal se pode entēder, sem esta sciencia»<sup>(18)</sup> e João de Barros realiza ao longo das Décadas todo um jogo intertextual com a sua geografia universal para onde envia as descritivas exaustivas mas dando sempre breves elementos geográficos como quadro primário, explicativo e compreensivo, dos acontecimentos, como acontece, por exemplo, no relato da chegada de Vasco da Gama a Calecute: «a regiam a que os geografos propriamente chamã India, e a terra q̄ jaz entre os dous jllustres e celebrados rios Jndo e Gange, do qual Indo ella tomou o nome... se a natureza nã atalhára á cojiça do homeẽs cõ grãdes e notãveis rios, mõtes, lagos, matas e desertos»<sup>(19)</sup>.

O segundo grande ponto de encontro e cruzamento da *Chorographia* com as *Décadas* situa-se ao nível da Filosofia da História. Em ambos encontramos a mesma *Filosofia da História Cristã* que vê na realidade humana um abraçar do mundo por Deus. Em termos teóricos globais a História surge tanto aos olhos de Gaspar Barreiros como João de Barros segundo uma teologia e teleologia em que os segredos últimos dos acontecimentos humanos radicam na vontade de Deus. A ocupação da península ibérica pela civilização islâmica surge assim como um castigo de Deus: «no regno de Hespanha, em cujo tempo por muitos peccados & torpes sensualidades, de que entam avia grandissima dissoluçam n'esta provincia... nosso senhor a quis castigar com o flagello dos árabes que nella permitio entrarem poderosamente»<sup>(20)</sup>. O mesmo esquema explicativo surge nas *Décadas*: «muy graves e pubricos peccados... com as quaes cousas provacáda a justiça de Deos, usou de seu divino e antigo juyzo: que sempre foy castigar pubricos e gerais peccados, com pubricos e notãvees peccadores... e como naquelle tempo estes arábios éram os mais notavees que elle tinha... perseguindo sua catholica ygreja... veo abrasar toda Espanha»<sup>(21)</sup>.

O terceiro ponto de afinidade prende-se com a imagem e dimensão religiosa dos Descobrimientos Portugueses. Em nenhum dos humanistas encontramos uma redução do expansionismo civilizacional à apenas dimensão cristã, mas em ambos esta vertente é um campo fundamental que liga Deus e Portu-

gal num mesmo caminho. Para João de Barros e Gaspar Barreiros, os Descobrimientos, entre muitas outras coisas, são a realização da Cidade de Deus, a concretização universal da palavra de Deus. Portugal, através dos Descobrimientos torna-se «milícia de Cristo» (J. Barros) e «militante do senhor» (J. Barros) porque «oje vemos as bandeiras do nome christã tam estendidas por todas aquellas partes d'aquem & d'alem Gange» (G. Barreiros).

O quarto lugar de profundo contacto entre ambas as obras e sujeitos discursivos situa-se no estatuto de enraizamento concreto do conhecimento, em especial, dos saberes humanos e dos conhecimentos informativos. Acontecimento e conhecimento, conhecimento e interesse tornam-se elementos de margem tocada e trocada dum modo tão intenso que o saber e o poder convergem em múltiplos aspectos. Este realismo concreto e objectivo faz com que os dois humanistas atribuam à civilização material um peso e significado fundamentais não apenas no campo do saber e cultura mas mesmo no da vida e mundo. É esta importância que se liberta no estatuto do *comércio* em qualquer dos discursos: «cõmercio ser o fundamento de toda a humana policia»<sup>(22)</sup>; «a guerra e o comerçio, nos descobriram o q̄ sabemos do mundo»<sup>(23)</sup>.

O quinto ponto de encontro reside no estatuto atribuído tanto por João de Barros como por Gaspar Barreiros à escrita/letras — *Litteræ humanæ* — pensada como ser da compreensão do mundo em que melhor e mais duradoura e fielmente se inscreve o espírito humano. Devido a este estatuto eterno da escrita que é a forma por excelência do saber, à sua força de duração quando comparada com a arquitectura, pintura, escultura, etc. que apenas sobrevive muito parcialmente ambos os humanistas reconhecem na palavra escrita o documento por excelência, a fonte das fontes para o investigador das coisas humanas. A escrita nasce em ambos do «benefício de perpetuidade» (João de Barros) sendo as «letras cõservadores de totalas obras» (J. Barros) e por isso, o grande instrumento que permite à memória vencer o esquecimento «fora acabada sua memória se nam fora sustentada com os ombros das letras» (G. Barreiros).

A revalorização das línguas/letras é uma das grandes constantes nucleares da cultura humanista tornando-se por isso bem mais um encontro genérico que uma afinidade situada e particular (como acontecia nos anteriores casos) entre os dois humanistas, embora a concreta funcionalidade atribuída à escrita deixe transparecer um feixe de convergências. As letras são para todo o movimento humanista desde o século XV italiano os cofres da memória, os tesouros da herança, o meio que é mensagem clássica e concretização do ser e saber: «a língua constitui o vínculo humano por excelência; é nas palavras que o homem se torna homem entre os homens; sem a linguagem, nem a sociedade, nem a humanidade e a sua história são compreensíveis. Daí a ideia, que aparece como uma consequência necessária, dum carácter sagrado (sacramentum) da língua, e a exigência do seu estudo com uma rigorosa precisão, tomando plenamente consciência do valor das palavras, se queremos penetrar no coração dos homens, no segredo dos trabalhos e das épocas» (24).

O campo de presenças de João de Barros neste discurso de Gaspar Barreiros não se extingue nos cinco aspectos brevemente salientados. Muitos outros núcleos problemáticos denotam uma grande afinidade no pensamento humanista de tio e de sobrinho como, por exemplo, o estatuto de antiguidades, a crítica às falsas origens/falsificações do passado, os valores morais como a honra, etc. Sistema de convergências que ultrapassa em muito os contactos Chorographia/Décadas e que nos levam mesmo para o *humanismo cristão* (e por isso também para a *Ropica Pnema*/1532). Aquilo que nos interessa salientar é que existe um campo intertextual profundo entre a geografia humanista de G. Barreiros e a história-geográfica do humanista João de Barros. Uma comparação exaustiva a nível biográfico, semântico e textual poderia sem dúvida dar-nos um panorama mais completo do alcance e modalidade desta convergência. Mas esse não é o nosso objectivo pois, aqui e agora, apenas nos limitamos a mostrar a complexidade que a correcta interpretação da Chorographia exige, a necessidade de ponte e diálogo que se liberta do seu universo textual frente aos sujeitos e uni-

dades discursivas que lhe são afins quer por razões pessoais quer ideais, o mesmo quadro cultural de *humanismo cristão*. Regressemos aos enunciados que no geral clarificam em Gaspar Barreiros a natureza da *escrita de viagem*. Um dos pontos fundamentais dessa natureza é a sua prisão ou pelo menos forte condicionamento pela ordem dos acontecimentos. A escrita vive os ritmos da viagem seguindo na sua ordem descritiva o próprio percurso físico no espaço real. Assim, a escrita de viagem nasce dos horizontes temáticos e problemáticos do viajar e mesmo o discurso não empírico vive essa ordem de fidelidade. Fidelidade da escrita ao viajar que não se reduz ao discurso como seguimento do percurso mas que afecta mesmo a extensão e profundidade do conhecimento possível sempre limitado pelo ritmo do acontecer objectivo do destino e modo da viagem: «algūs letreiros â n'esta cidade antigos, os quaes nã vi por me faltar tẽpo para isso, porq̃ estas cousas de que fiz mençã por starẽ em publico & perto hũas das outras, de caminho as pude ver. E esta ẽ a causa porq̃ algūs lugares screvo muito & d'outros pouco, segũdo a detença q̃ n'elles fazia, a qual quando era nẽcessaria me dava tẽpo & occasiam, para saber o que na terra avia para isso» (25).

A condição da escrita de viagem é pois a afirmação dum conhecimento que respira à medida do acontecimento, que se escreve a partir da inscrição no real concreto. Este tipo de escrita surge aos olhos do nosso humanista não só como uma validade própria de conhecimento mas mesmo como um gesto intelectual fundado em nobres exemplos anteriores como Júlio César, que aliás transporta o nosso quinzentista para o tópico das armas e das letras «a lâça na mão & a pena na outra» (26).

## 1.2 A Imagem dos Descobrimientos

A viagem a Itália é o ser mesmo da *Chorographia*. O atravessar da Espanha, Sul de França e Norte de Itália é o corpo da obra e o mundo que fornece sentido à condição do discurso. Existe, contudo, em Gaspar Barreiros o abordar dum outro tipo de viagem, os *Descobrimientos Portugueses*.

Os descobrimentos não desempenham um papel nuclear na ordem do discurso deste nosso humanista, não existem jamais como matéria descritiva da escrita. Mas sendo embora periférica, a função e peso dos descobrimentos surgem na *Chorographia* investidas numa inegável importância. Importância do fenómeno em si, mas também na particular economia da escrita de viagem de G. Barreiros onde marcam a fronteira, o outro lugar da viagem e do discurso. A imagem dos descobrimentos é, antes de mais, utilizada numa função de crítica cultural. O nosso humanista repete um tópico que desde os cronistas do século XV se tornou uma constante da consciência cultural portuguesa e que consiste no denunciar dum desfasamento gigantesco entre o acontecimento e o conhecimento, entre o fazer e o criar numa escrita sobre o mesmo.

A crítica cultural de G. Barreiros denuncia a distância, mesmo o abismo existente, entre o sopro de vida que são os descobrimentos e o bafo de morte e nada que é a escrita e pensamento dos/sobre os mesmos: «se posessem em scriptura os feitos q̄ os Portugueses n'aquellas partes orientais & nas outras assi de Africa como da Europa....se poderiam facilmente multiplicar decadas e encher volumes...tãta força tẽ a verdade das cousas, q̄ estas posto q̄ nam fossem scriptas per tã excellentes ēgenhos.... eu creo q̄ muitas dos passados perderiã grande da estima ē q̄ sam avidas» (27).

A função crítica da imagem dos Descobrimentos repousa uma vez mais na valorização da escrita/letras. A insistência na necessidade de haver escritores dos Descobrimentos, prende-se directamente com o estatuto de eterno gravador, de óptimo tradutor que se atribui à escrita. O fazer e viver estão condenados a desaparecer no esquecimento e apenas a palavra consegue o perene milagre da ressurreição humana, daí a importância essencial de tornar os Descobrimentos objecto de espírito/cultura.

A imagem dos Descobrimentos presente em G. Barreiros ultrapassa em muito esta crítica pontual embora de notável importância. Na frase anteriormente citada surge já um tópico fundamental para o espírito deste nosso humanista. Os *descobrimentos* surgem

-lhe ao imediato nível do acontecimento como novo horizonte, como nova e radical fronteira do mundo que verdadeiramente avaliado, passado à escrita, desencadeia toda uma outra medição dos feitos e valores antigos e modernos, esbatendo os primeiros e valorizando os segundos e isto porque as potencialidades dos Descobrimentos não se esgotam como acontecimento histórico e literário afirmando-se também como novo e melhor conhecimento, nova esfera de saberes: «excellentes philosophos & geographos por certo schreverã, cuja verdade, achãram nossas armas & descobriram nossas navegações» (28).

Os Descobrimentos aparecem na escrita de Gaspar Barreiros como um fenómeno digno de «eterna memória» que possibilita um sem número de meditações sobre a condição e o destino de Portugal a partir do estatuto de centro da imagem e realidade nacional. Na verdade, os Descobrimentos levam o nosso humanista a pensar criticamente a realidade tanto psicológica como material dos Portugueses.

A psicologia social, as formas habituais de autocomportamento e autovalorização são criticadas por G. Barreiros porque o português mostra uma forte tendência para acentuar e sobrevalorizar o alheio em paralelo com uma desvalorização do próprio «tãto escurecemos nossas cousas» (G. Barreiros). O espírito de lucro que ressalta dos Descobrimentos é também criticado enquanto impotência do português em aproveitar Portugal, enquanto incapacidade, falta de indústria, dizem os renascentistas, de alcançar a riqueza própria: «pois tẽdo tanta riqueza das portas a dêtro, rodeamos o mundo cõ sede das alheas» (29). As realidades nacionais negativas que os Descobrimentos tornam mais patentes e em que também se envolvem formam um dos lados da imagem dos Descobrimentos na *Chorographia*. No global, contudo, essa imagem é profundamente positiva, em especial, a nível cultural, religioso e político-global.

A riqueza cultural dos Descobrimentos é salientada por Gaspar Barreiros como ponto de partida, isto é, campo de conhecimentos que possibilita os meios para realizar tal «comunicação» intercivilizacional e como ponto

de chegada, resultante a nível informativo e formativo deste novo mundo de coisas. Enquanto ponto de partida o nosso humanista aponta os núcleos teóricos e instrumentais da marinaria: «necessario foi abrir caminho ... e para esta tal comuuicação...foi necessaria sciencia das mathematicas, para d'ellas se formar hũa arte pratica da navegaçã...per meo dos instrumētos da agulha, astrolabios, quadrātes, relogeos, cartas & pomas» (30).

Enquanto consequência, os Descobrimentos são, sobretudo, um novo horizonte informativo, um imenso armazém de novos dados que alteram a paisagem e fronteira do mundo tradicional «descobrio caminhos incognitos aos antigos» (G. Barreiros). Os Descobrimentos Portugueses tornam-se a nível do conhecido, a nível cultural, religioso e político. O mundo medida do mundo, balança que pesa a herança ora servindo para a desmentir e rectificar, ora dando-lhe a prova empírica da certeza: «per nossas navegações despois de longo discurso de tempo & annos se achou q̄ podia ser esta historia verdadeira» (31).

A valorização epistemológica dos Descobrimentos por este discurso humanista e num lugar textual não propriamente natural a uma tal problemática mostra a fragilidade das genéricas divulgações que procuram criar barreiras intransponíveis entre as diferentes culturas numa cultura epocal e que inventam o mito da existência numa cultura humanista distraída ou mesmo contrária aos Descobrimentos. Não interessa repetir formulações já anteriormente enunciadas mas julgamos pertinente chamar a atenção para a riqueza de sentido que se liberta do documento em si mesmo, da análise historiográfica que se afirma interna ao próprio ser do universo textual. Os esquemas genéricos da historiografia tradicional são então completamente destruídos mostrando a sua incapacidade de sobreviver à prova e teste documental, isto é, a sua falsidade.

A positividade da imagem dos Descobrimentos afirma-se também a nível religioso. No sistema de encontros João de Barros/Gaspar Barreiros já aludimos ao tipo de valorização histórica que se atribui a tal fenómeno no quadro global numa filosofia da história cristã que espalha no mundo a revelação «para se comunicar a verdadeira religiã, cõ

aquelles q̄ d'ella careciam» (G. Barreiros). Os Descobrimentos surgem na consciência epocal como um todo harmonioso de fé e lucro, de saber e poder, de civilização espiritual e material: «a aventura portuguesa aparece então, não somente como uma prodigiosa aventura levada a cabo por homens e para fins humanos, mas também como a realização importante do plano divino sobre a evangelização do mundo» (32).

A escrita da viagem ao dar o estatuto do discurso afirma-se como o espaço em que Gaspar Barreiros pensa a sua viagem e as viagens do Renascimento bem como as escritas, ou ausências de escrita que se geram. Este espaço existe disperso pelo todo da obra embora tenha uma zona maior de concentração que é a dedicatória. Afirma-se de certo modo como introdução, como formulação condensada de alguns dos problemas chave a tratar ao longo da *Chorographia*.

## 2 O Estatuto da Geografia

O núcleo problemático chave da *Chorografia* enfrenta a questão do conhecimento geográfico enquanto possibilidade e fundamento do discurso de Gaspar Barreiros. Trata-se dum questionar do conhecimento a um nível natural em que o nosso humanista se debruça sobre o campo, os instrumentos, as vias e os métodos que lhe permitem o saber geográfico.

A máxima analiticidade interpretativa organiza este complexo de questões em três porosos territórios, tópicos do discurso que se explicam a e em si mesmo, mas também reciprocamente, uns aos outros. O primeiro desses territórios dá-nos o *estatuto da geografia* sendo o único que numa perspectiva analítica condensada abordaremos nesta breve introdução (os dois restantes: o ser interno do problema do saber geográfico e a correlação conhecimento/acontecimento são unidades bem mais plurais e complexas que aqui e agora deixamos em suspenso).

O *estatuto da Geografia* enuncia muito sinteticamente alguns dos princípios fundamentais do saber geográfico adoptados pelo autor. Ao escolher o termo *Chorografia* para designar a sua obra, Gaspar Barreiros enun-

cia numa simples palavra todo um horizonte de saber, toda uma maneira de pensar o geográfico, um campo de referentes e afinidades que posiciona o seu discurso num quadro classificativo e numa arquitectura epistémica baseados na herança grega.

Ptolomeu nos Prolegomenos da sua Geografia é quem mais claramente distingue a arte gráfica de desenhar a terra no geral que é propriamente a geografia (γεωγραφία) da descrição particular e pontual de zonas que se chama corografia (χωρογραφία): «a geografia é a descrição imitativa e representativa de toda a parte conhecida da terra junto com o que geralmente lhe é próprio. Difere da corografia porque esta, ao considerar os lugares separadamente uns dos outros, expõe cada um destes em particular com a indicação dos seus portos, cidades, os mais pequenos lugares habitados, os desvios e sinuosidades dos fios menores, os povos e outros pormenores deste género. O objecto próprio da geografia é unicamente mostrar a terra em toda a sua extensão conhecida, como se comporta tanto na sua natureza como posição. Isto apenas admite descrições gerais, como as de golfos, as grandes cidades, as nações, os rios principais e tudo aquilo que merece ser assinalado em cada género. A corografia esgota-se na descrição de alguma parte do todo, tal como alguém que se limita a apresentar uma orelha ou um olho. A geografia, pelo contrário, abraça a totalidade das coisas»<sup>(33)</sup>.

G. Barreiros ao chamar corografia à sua «descripçam d'estes lugares» coloca o seu discurso sob o signo da presença classificativa da herança clássica prolongando a dialéctica de identidade e diferença que desde os gregos une e separa a corografia da geografia, em parte saberes diferenciados tanto como integrados numa relação de subordinação do primeiro frente ao segundo.

A *corografia* é para o renascentista um espaço geográfico em relação de unidade e diversidade com a *geografia*, uma geografia descritiva interior à mãe total que é a geografia teórico-matemática mas que não deixa de ter a sua importância concreta e informativa. Traduzindo este espaço renascentista para os nossos quadros epistémicos poderíamos dizer numa aproximação didáctica, mas também simplificante, que o conceito de corografia

tem vastas coincidências com o nosso conceito de geografia local com acentuação tendencial da componente humana.

Situado o espaço epistémico do estatuto da geografia interessa-nos agora observar as características chave que o nosso humanista lhe atribui. Antes de mais, notamos em Gaspar Barreiros, a preocupação por definir as condições básicas de acesso ao saber geográfico. O processo de conhecimento de Ptolomeu ou de qualquer outro geógrafo é enviado para um campo de primeiros princípios fundamentais: «ser exercitado na doutrina do dicto geographo, porque nam sendo versado n'ella, facilmente pode cuidar nam entendendo hũa cousa, q̄ a entende, como muitas vezes acontece aos que t̄ ãinclinaçam a hũa sciência, & carecẽ dos principios d'della. O mesmo diz por a lição dos outros geographos, para intendimento dos quaes, convẽ saber algũas premissas, porq̄ sem ellas se embarçaria o leitor, querendo julgar cousas, das quaes nã tevesse algũa experiencia»<sup>(34)</sup>.

A insistência nos princípios e premissas da ciência geográfica, na sua absoluta necessidade como condição fundamental são tópicos de clara filiação aristotélica «uma ciência é pois, para Aristóteles, o desenvolvimento demonstrativo autorizado pela posição dum núcleo de princípios»<sup>(35)</sup>. Reconhece-se facilmente na forma problemática que toma o enunciado dos princípios e premissas duma ciência o eco do Aristóteles do *Organon* em que se «parte de premissas que sejam verdadeiras, primeiras, imediatas, e, em relação à conclusão, melhor conhecidas, anteriores e jogando o papel de causas; assim serão por outro lado princípios próprios daquilo que se demonstra» (An. Post. I, 716 b 21).

A filiação, contudo, não pode ser confundida com repetição e neste enunciado de Gaspar Barreiros encontramos bem mais uma utilização de conceitos aristotélicos que uma absoluta identificação e subordinação aos mesmos. O lugar aristotélico de formulação dos princípios próprios e premissas verdadeiras é o de um espaço dedutivo, da dialéctica enquanto argumentação didáctica. Em G. Barreiros é também o problema da iniciação didáctica a Ptolomeu e outros geografos que origina a questão, mas o espaço está bem longe duma fixação meramente dedutiva pois

fala-se duma experiência ainda que prévia e iniciadora.

Estes princípios não são contudo a natureza da geografia que é essencialmente uma ciência comunicativa, factual, informativa. Este concreto é a força e o limite da geografia, a razão que produz o erro mas também a prova que permite a sua refutação e transcendência. Ciência de validade limitada, mas ciência porque conjunto de enunciados aberto ao teste/verificação, ou como diz o nosso humanista «esta scientia de Geographia ser muito incerta & trabalhosa, porque movidos muitas vezes os homens por leves conjecturas ou por falsas enformações... affirmaram cousas de que depois se retractâram, ou de que outros os reprehendêram»<sup>(36)</sup>.

A natureza incerta e difícil da geografia não nega contudo o seu valor nem importância que surgem muito claramente afirmados ao longo do discurso. A *Chorographia*, isto é, a geografia parcial, pontual e descritiva visa os seguintes objectos e objectivos: «conhecimento de terras, & peregrinas regiões, com a noticia dos fundadores das cidades e primeiros inventores das cousas necessarias á vida humana, nã carece de seu fructo, que lhe achará quem nelles quiser stdar»<sup>(37)</sup>. A condição de ciência não somente útil como necessária, atribuída por Gaspar Barreiros à *geografia*, leva o nosso quinhentista a pensar num espaço epistémico aglutinador, numa multiplicidade de disciplinas que servem e são servidas pela *geografia* filiando-se no princípio de que «a geografia é uma ciência enciclopédica e sintética cujas raízes mergulham fundo nos elementos e resultados de muitas ciências especializadas, tornando-se assim numa expressão unificada e compreensiva dos conhecimentos humanos»<sup>(38)</sup>.

A geografia guarda em G. Barreiros uma imensa potencialidade explicativa aparecendo como um saber fundamental para a compreensão da realidade humana nos mais variados domínios. Os campos que mais intensamente mostram a necessidade de diálogo com a geografia são, para o nosso humanista, o «governo civil», o mundo político-militar, a história e as sagradas escrituras. Em todos eles existe uma presença fundamental da «sciencia de geografia» (G. Barreiros). O plural sincretismo tomado pela geografia do

Renascimento denota todo o peso e função da herança clássica no horizonte do conhecimento científico da época. A utilidade humana da geografia enunciada pelo nosso humanista é um tópico da Geografia de Estrabão que afirma a presença e necessidade desta ciência sempre que exista a preocupação «pela arte de viver, ou seja, a felicidade»<sup>(39)</sup>.

A dimensão «enciclopédica e sintética» (A. Cortesão) do estatuto da geografia não se manifesta apenas na sua aplicação exterior, no seu contributo e auxílio a outros conhecimentos e acontecimentos humanos. Internamente, no ser mesmo do discurso surge toda essa pluralidade dialogal sincreticamente envolvida na dimensão informativa: «mixture das informações, que tomava, como foram o número das freguesias, igrejas, & mosteiros, rendimentos d'elles & dos bispos & outras cousas d'esta qualidade»<sup>(40)</sup>.

O «número dos vizinhos» (G. Barreiros) torna-se uma preocupação decisiva na racionalidade do nosso humanista. Aquilo que hoje designamos como demografia, para uma vez mais utilizar uma tradução em metáfora analógica, mostra-se como um dos pontos fundamentais da *Chorographia*. A compreensão rigorosa do número e condição dos habitantes de cada lugar leva mesmo ao aparecimento de regras técnicas a respeitar para que a estimativa tenha uma base segura de validade. O fazer da «conta dos fogos» (G. Barreiros) obriga a descontar os excessos sempre criados pelo senso comum «vera claramente, ter muito menos moradores, do que a voz do povo cõmumête julga»<sup>(41)</sup> e a realizar múltiplas comparações não somente entre diferentes lugares como entre divergentes avaliações sobre o mesmo lugar (a ciência é pois utilização mas também transcendência do senso-comum).

A *Geografia* é, para Gaspar Barreiros, uma ciência excelente em eterno e constante diálogo com outros campos do conhecimento e acontecimento. A excelência do saber, contudo, não se reduz, para o intelectual humanista, ao mero campo epistémico, afirmando-se no todo da vida e do mundo e assim, a *geografia* surge como uma das componentes decisivas da virtude humana da prudência, o saber é uma forma de valor intelectual e moral: «a virtude de prudência, a qual se

gera do conhecimento de cousas várias, tam necessária para o governo civil, d'esta ciência da geografia também é composta»<sup>(42)</sup> .

A lógica do estatuto da geografia em Gaspar Barreiros proclama algumas das categorias fundamentais do humanismo renascentista. A dimensão moral do saber é irmã da proclamação de L. Batista Alberti que vê no homem e no conhecimento «sementes» de virtude e de razão. A sabedoria, o conjunto das ciências/disciplinas, forma o campo total e dialogal da cultura, das «letras hu-

manas» como dizem os homens do Renascimento, que sendo racionalidade e conhecimento objectivo são também valor e acção social e humana. A *geografia* surge no pensamento de G. Barreiros como um dos lugares decisivos dessas letras humanas que são o «fundamento duma vida civilizada, o único que pode formar o homem constituindo-o na sua «dignidade» de cidadão do reino da cultura, num mundo de relações verdadeiramente humanas, feitas de conhecimento, de clareza racional e de harmonia moral»<sup>(43)</sup>.

## NOTAS

(1) J. Veríssimo Serrão — A historiografia Portuguesa, vol. I, Lisboa, 1972, p. 399. Veja-se também sobre a biografia deste nosso quinhentista ainda tão incompleta — Manuel Lopes de Almeida — Notas de História e Bibliografia: I — Duas notas referentes a G. Barreiros IN Arquivo da Bibliografia Portuguesa, Ano I, Coimbra, 1955, p. 277 a 283 e J. V. Serrão — Portugueses no Estudo de Salamanca, Lisboa, 1962, pp. 229 e 230.

(2) J. S. Silva Dias — Camões no Portugal de Quinhentos, Lisboa, 1981, p. 17.

(3) A. Buck — La Contribution Humaniste á la Formation de L'Esprit Scientifique IN Sciences de la Renaissance, Paris, 1973, p. 41.

(4) Marie Boas — The Scientific Renaissance 1450-1630, N. York, 1966, p. 27.

(5) Sobre o limite da racionalidade científica humanista frente às outras racionalidades científicas do Renascimento, veja-se Luís Filipe Barreto — O Tratado da Esfera de D. João de Castro, Sep., R. Cultura, História e Filosofia, vol. III, Lisboa, 1948, pp. 227 a 292.

(6) J. Delumeau — La Civilisation de la Renaissance, Paris, 1967, p. 491 a 493.

(7) A obra teve no Renascimento uma rápida aceitação e divulgação pelo menos, em certos sectores culturais. Acabada de imprimir em Coimbra/1561 por João Álvares surge já citada em Goa/1563: «Dimas — achei escrito em hum escritor moderno muyto lido e muito douto e curioso, chamado Gaspar Barreiros... Orta: — parece-me o autor homem de muyto bom juizo e muito lido» IN Garcia de Orta — Colóquios dos Simples e Drogas de India, ed. C. Ficalho, Lisboa, 1895, vol. II., col. LVIII, p. 373. Sobre a importância estritamente geográfica e numa

perspectiva dos nossos dias veja-se S. Duveau-G. Barreiros, l'ontain précurseur de la théorie des lieux centraux IN Finisterra, vol. XV, n.º 29, Lisboa, 1980, pp. 114-117.

(8) G. Barreiros — Chorographia de alguns lugares... rep. da edição princeps de 1561, Coimbra, 1968.

(9) G. Barreiros — Chorographia... Coimbra, 1968, Dedicatória.

(10) G. Barreiros — Chorographia... Coimbra, 1968, † V, V.

(11) *idem, idem.*

(12) G. Barreiros — Chorographia..., Coimbra, 1968, Ao Lector.

(13) veja-se *Montaigne* — Journal de Voyage en Italie, ed. M. Rat., Paris, 1955.

(14) Utilizamos o termo *pedantismo* no sentido humanista de *Montaigne*, isto é, «degenerescência dos estudos humanistas» (E. Garin). Veja-se *Montaigne* — Essais IN Oeuvres Complètes, ed. R. Baral e P. Michel, Paris, 1967, livro I, cap. 25, pp. 68 a 72.

(15) G. Barreiros — Chorographia..., Coimbra, 1968, p. 1.

(16) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, V.

(17) Sobre J. Barros Historiador veja-se A. A. Banha de Andrade — João de Barros Historiador do Pensamento Humanista Português de Quinhentos, Lisboa, 1980 e C. Boxer — João de Barros — Portuguese Humanist and Historian of Asia, N. Deli, 1981.

(18) Gaspar Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968 iij.

(19) João de Barros — Asja, Década I, ed. António Baião, Coimbra, 1932, livro IV, cap. VII, p. 144/145.

(<sup>20</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 29 v.

(<sup>21</sup>) J. Barros — Asia, Década I., ed. A. Baião, Coimbra, 1932, livro I, cap. I., pp 4 e 7.

(<sup>22</sup>) *idem*, p. 172.

(<sup>23</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 159.

(<sup>24</sup>) E. Garin — L'Education de L'Homme Modern — La Pedagogie de la Renaissance(1400-1600), Paris, 1968, p. 97.

(<sup>25</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 28.

(<sup>26</sup>) Sobre o tratamento humanista das armas e letras veja-se L. de Sousa Rebelo — A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa, Lisboa, 1982, pp. 195 a 253.

(<sup>27</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, pp. 42 v e 43.

(<sup>28</sup>) *idem*, p. 42.

(<sup>29</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 47 v.

(<sup>30</sup>) *idem*, ij, V. Sobre a importância cultural e social da marinharia portuguesa na Europa renascentista, veja-se Luís de Matos — Les Portugais en France au XVI Siècle, Coimbra, 1952, pp. 1 a 78.

(<sup>31</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 18 v.

(<sup>32</sup>) R. Cantel — Contribution a l'étude de la Place des Decouvertes dans la Pensée Portugaise au XVII Siècle IN Actas do C. Internacional de H. dos Descobrimentos, vol. IV, Lisboa, 1961, p. 53.

(<sup>33</sup>) C. Ptolomæ — Geographia, I, 1, ed. Mullers, vol. I, part. I, Paris, 1883, p. 10.

(<sup>34</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, ao lector.

(<sup>35</sup>) G. Gaston-Granger — La Théorie Aristotelienne de la Science, Paris, 1976, p. 83.

(<sup>36</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, p. 17.

(<sup>37</sup>) *idem*, iijj.

(<sup>38</sup>) A. Cortesão — História da Cartogr. Portuguesa, vol. I, Coimbra, 1969, p. 1.

(<sup>39</sup>) Estrabão — Geografia — Prolegomenos, ed. I, Granero e A. Rois, Madrid, 1980, livro I, cap. 1, 1, p. 5.

(<sup>40</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, ao lector.

(<sup>41</sup>) *idem, idem.*

(<sup>42</sup>) G. Barreiros — Chorographia, Coimbra, 1968, iij.

(<sup>43</sup>) E. Garin — L'Education de L'homme Moderne — la Pedagogie de la Renaissance (1400-1600), Paris, 1968, p. 88.